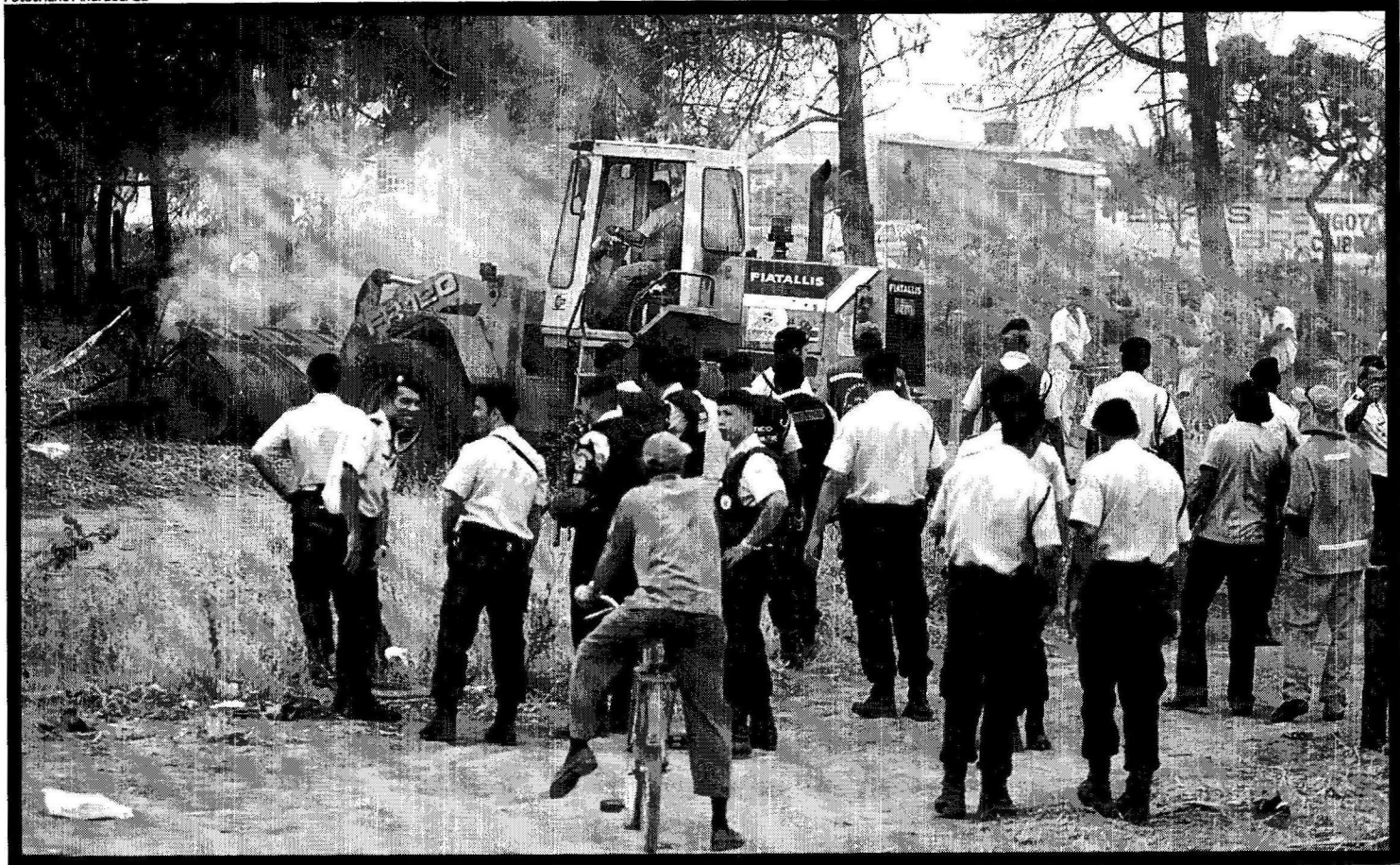


INVASÃO

CORREIO BRAZILIENSE

Polícia tenta retirar os cerca de 200 invasores da Capoeira do Balsámo, mas eles resistem. A operação, com reforço, continua hoje

Fotos: Iano Andrade/CB



33 POLICIAIS, MAIS FUNCIONÁRIOS DO SIVSOLO, DA TERRACAP E DA BELACAP DERRUBARAM SOMENTE ALGUNS BARRACOS: INVESTIDA VAI CONTINUAR

Os homi mandou derrubar

PRISCILLA BORGES
DA EQUIPE DO CORREIO

Mesmo depois das ameaças policiais, moradores do Paranoá não deixaram a área de 80 mil m², conhecida como Capoeira do Balsámo, que invadiram desde sexta-feira. A área é de propriedade do Governo do Distrito Federal. Durante todo o fim de semana, cerca de 200 pessoas lutavam para manter a ocupação do local. Segundo o gerente de operações da Subsecretaria do Sistema Integrado de Vigilância do Solo do Distrito Federal (Sivsolo), major Márcio Pereira, não é a primeira vez que moradores tentam invadir a área.

A cada ronda policial, agentes retiravam as divisões de lotes feitas com barbantes e arames e, em seguida, os invasores recolocavam as marcações. Só no sábado, os policiais desmancharam as cercas duas vezes. Nove pessoas terminaram o dia na delegacia por causa de desacato, mas foram liberadas depois. Determinados, eles garantem que não deixarão a área. Alegam que enfrentam dificuldades para pagar um aluguel. Querem concretizar o sonho da casa própria.

Durante todo o domingo, os manifestantes não arredaram pé da invasão. Vigiavam os espaços onde querem construir casas. Há quem já tenha reservado mais de um lote para abrigar a família. Maristela Pinheiro, 41 anos, e o filho Marcos Pereira, 22, guardavam os três lotes que separaram para os parentes. "Moro com 15 pessoas da família em uma casa alugada a R\$ 300. Não temos condições de sustentar tanta gente morando de aluguel", desabafa a desempregada.



OS INVASORES QUEIMARAM TRONCOS DE ÁRVORES E PNEUS PARA IMPEDIR O TRÂNSITO DE CARROS DA POLÍCIA

Os invasores não se intimidaram com os policiais. Ontem à tarde, os manifestantes assistiram a mais uma derrubada das marcações dos lotes, avisando aos agentes da operação que retornariam ao local e dividiriam a área novamente. Não houve confrontos entre as duas partes, apesar da revolta dos moradores. Ninguém foi preso. Eles reuniram-se no meio da estrada, queimaram troncos de árvores e pneus, para tentar impedir o trânsito de carros pelas ruas de terra.

A ação contou com o apoio de 33 policiais – da 10ª e 14ª Companhias de Polícia Militar Independente (CPMInd), 22 funcionários do Sivsolo, dez da Belacap e quatro da Terracap. Não retiraram todas as divisões. Hoje, os policiais voltarão com reforços para terminar o trabalho. "Continuaremos retirando as cercas. Se eles

colocarem de novo, a gente tira de novo. Não vamos parar até eles desocuparem a área. Mas não queremos confronto", afirmou o coronel Silvio José Costa Ferreira, do Comando de Policiamento Regional Leste, comandante da operação.

Teto para morar

Apesar das suspeitas da polícia de que a invasão das terras tivesse influências políticas, os invasores garantem que estão lá por conta própria. "A gente já estava de olho nessa área vazia há muito tempo. Há chacareiros que vivem ilegalmente aqui também", conta Maristela. A cada dia, a invasão ganha mais apoios, segundo o depoimento dos manifestantes. "A gente só não constrói porque senão eles derrubam e a gente perde dinheiro", garante Marcos.

Para os invasores, a área pú-

blica está ociosa. Acreditam que, com persistência, ganharão a disputa. Como aconteceu com os moradores da invasão do Itapoã, que fica próxima ao local. "Quero ter a minha casa", protestava Maria Natália Ferreira, 21. Ela e o marido, desempregados, moram de favor na casa da irmã com dois filhos.

Grávida de seis meses, Claudiana Maria Gomes, 30, decidiu participar do movimento. Junto com a filha Michele Gomes de Oliveira, 14, passou o fim de semana por lá, com medo dos policiais. "A gente morre de medo, mas tem que tentar", argumenta. Os manifestantes reclamam da postura dos agentes das operações de derrubada. "É muita maldade o que eles fazem. Humilham a gente. Só estou aqui porque não tenho casa para morar", dizia, chorando, Niviane Lombardi, 25.